

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: XV/04 344

Data: 21.09.75

Pg.: _____

A queixa do índio xavante

Mário Juruna, xavante da Reserva de São Marcos, em Mato Grosso, parecia não acreditar na notícia de que as terras de sua tribo foram finalmente demarcadas por um decreto presidencial, dia oito deste mês. Ausente há duas semanas de sua aldeia, Mário chegou anteontem a São Paulo, onde pretende ficar até quinta-feira. Antes daqui, o chefe índio esteve cinco dias no Rio, para hospitalizar um menino xavante que sofre de moléstia nos ossos. Com todas essas viagens, não ficou sabendo que o presidente Geisel desapropriou as terras dos fazendeiros invasores da área xavante.

Os conflitos na Reserva de São Marcos, situada no município de Barra do Garças, são antigos. Os xavantes fixaram prazos para a retirada dos fazendeiros. Em agosto, vendo que eles não saíam, os índios chegaram a queimar algumas casas e abateram gado dos invasores. Na ocasião, o presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, responsabilizou os missionários salesianos pelas violências dos indígenas. Mas Mário Juruna diz: "É mentira que missionário manda índio matar gado de fazendeiro. Eu é que faço isso, com os meus guerreiros. Os padres até seguram a gente, dão conselho para ter paciência".

O xavante fez duras críticas a Funai: "Eu peleei muito para falar com o presidente Geisel, mas a Funai e o Ministério (do Interior) me brecaavam. A Funai e o Ministério não dizem a verdade para o presidente, e por isso eu queria falar pessoalmente com ele, para resolver os problemas das nossas terras".

Mário contou da reunião que os xavantes, bororós, tapirapés e nambikwaras fizeram no início deste mês, em Meruri, Mato Grosso. Lideranças desses quatro grupos indígenas discutiram seus problemas, que segundo Mário Juruna são comuns a todos. "Todos os índios falavam sempre igual, contavam a mesma história; ninguém contava diferente: a terra dos índios está sendo tirada pelos fazendeiros. Mas agora nós estamos unidos. Essa reunião foi muito boa. Eu acho que, se um dia os tapirapés precisarem, os xavantes vão lá ajudar, e os bororós também. Nós vamos ajudar até os índios do Rio Grande do Sul, que estão com o mesmo problema, se for preciso".

O xavante acrescenta: "Para a Funai, é bom que o índio existe. Se não existisse índio, a Funai também não existiria. E ela não ganharia do governo todo esse dinheiro que eles gastam e que o índio nem vê".

Em São Paulo, o xavante Mário Juruna está hospedado num pequeno hotel nas imediações da Rodoviária. Quando chegou, procurou um quartel, de onde o encaminharam para a Prefeitura que, depois de fazê-lo an-

dar por muitas repartições, encaminhou-o a um albergue. Mas o xavante não quis ficar lá: "Aqui é um purgatório, ou um inferno. Eu nunca tinha visto tanta miséria. Até cheirava ruim. Eu não dormir lá, não".